



MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO
Secretaria de Política Agrícola
Departamento de Economia Agrícola
Coordenação-Geral de Estudos e Informações Agropecuárias

Informativo sobre a Estiagem no Nordeste - nº 12 03/08/2012

1. Região Nordeste – Breve Panorama Econômico do Semi-árido

Segundo estudo do ETENE/BNB, com base em dados do IBGE e do Ministério da Integração Nacional, a economia do Nordeste experimentou expressivo desempenho econômico entre 1970 e 1980, ocasião em que o PIB regional cresceu, em média, 8,7% ao ano, tendo superado a taxa de crescimento médio do Brasil. A partir dos anos 80, contudo, por conta das grandes dificuldades econômicas vivenciadas pelo Brasil, como dívida externa e índices elevados de inflação, as taxas de crescimento declinaram. A partir de 2.000 o desempenho do PIB do Nordeste retomou um razoável patamar de crescimento, superior à média brasileira.

A exemplo do Nordeste, o PIB do semi-árido cresceu a uma taxa média de 8,6% ao ano no período 1970-1980. Por outro lado, esse desempenho econômico foi revertido no período 1980-1990, tendo em vista que a taxa média de crescimento do PIB foi negativa nessa década (-0,3%). Entre 1990 a 2000, a economia do semi-árido retomou à trajetória de crescimento (3,9%), e de acordo com estimativas do ETENE, elevou-se para 6,2% ao ano em média no intervalo de 2000-2007.

No que se refere aos grandes setores produtivos do Nordeste, verificou-se que nos últimos 50 anos a economia da Região passou por intenso processo de modernização. Assim é que em 1970 os serviços representavam 59,3% do PIB regional, seguido do setor agropecuário 22,4% e indústria 18,3%. Em 2006, por sua vez, a composição mudou para: serviços 66,8%, indústria 25,3% e agropecuária 7,9%.

A participação relativa da agropecuária no total do PIB regional sofreu redução, embora esse setor tenha se expandido em termos absolutos, particularmente a agricultura irrigada voltada para a produção de frutas e hortaliças, inclusive para exportação, pecuária leiteira, avicultura, caprinocultura, ovinocultura, aquicultura, piscicultura, apicultura, castanha de caju, cana-de-açúcar destinada para a produção não somente de açúcar mas ainda de álcool, floricultura, mudas e sementes, além do aumento da produção de grãos como arroz, milho, soja e algodão nas áreas de cerrados.

A participação da indústria no PIB do Nordeste aumentou, merecendo destaque os segmentos químico e petroquímico, papel e celulose, veículos, material elétrico, metal-mecânica, telecomunicações, têxteis e confecções, calçados, extração de minerais, produtos alimentícios e bebidas, além da siderurgia. Referidas indústrias praticamente inexisteram no Nordeste até meados do século 20.



MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO
Secretaria de Política Agrícola
Departamento de Economia Agrícola
Coordenação-Geral de Estudos e Informações Agropecuárias

Quanto aos serviços, cabe registrar o surgimento de segmentos complexos e dinâmicos, a exemplo de comunicações, tecnologia da informação, educação, saúde, turismo, atividades culturais e de lazer, transporte e armazenagem, além da expansão dos setores de alojamentos e alimentação, estabelecimentos comerciais modernos (hiper e supermercados, lojas de conveniência, shopping centers e lojas de departamento), serviços de logística, de planejamento e consultorias, arquitetura, engenharia e construção civil e instituições financeiras.

Assim, o crescimento da indústria e especialmente dos serviços superou o crescimento da agropecuária, de forma que a participação relativa desses setores no total da economia do Nordeste modificou-se.

A infraestrutura do Nordeste expandiu-se e foi aperfeiçoada, especialmente no que se refere à geração e distribuição de energia elétrica, telecomunicações, rodovias, terminais aeroportuários, sistemas de armazenamento, tratamento e distribuição de água, redes de esgotos sanitários, centros hospitalares, universidades, sistemas de coleta de lixo e equipamentos de lazer.

A composição da economia do semi-árido também modificou-se. O colapso do sistema algodão-bovinocultura-lavouras alimentares impactou negativamente a economia do semi-árido, de forma que a agropecuária perdeu importância relativa. Os serviços participam atualmente com aproximadamente 54% do total da economia dessa região, seguido por indústria (29%) e agropecuária (17%). Por outro lado, a implantação de projetos e obras de acumulação hídrica e de irrigação proporcionaram o crescimento da fruticultura irrigada. Além disso, alguns estados foram capazes de interiorizar o processo de industrialização, especialmente a indústria têxtil, de confecções, de calçados e couros, mineral, graniteira, alimentícia e de bebidas, gesso e construção civil.

No setor terciário, despontaram os serviços de saúde, turismo pautado pela música e cultura popular, turismo rural e de esportes radicais, enquanto que o comércio se diversificou, tendo crescido a presença dos estabelecimentos bancários e financeiros.

Importantes mudanças ocorreram também na pauta de exportação do Nordeste. Embora essa Região responda por somente 8% das exportações brasileiras, a participação de produtos industrializados cresceu em comparação com os produtos básicos. De acordo com dados do Ministério da Indústria e Comércio Exterior (2009), a participação da exportação de produtos industrializados aumentou de 45,1% (em 1980) para 76,1% (em 2008). Ocorreram ainda mudanças na tipologia dos produtos industrializados exportados, pois a Região passou a exportar itens tecnologicamente mais avançados, a exemplo de veículos, produtos petroquímicos, metalúrgicos, material elétrico e de telecomunicações, além de softwares e demais produtos da tecnologia da informação.



MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO
Secretaria de Política Agrícola
Departamento de Economia Agrícola
Coordenação-Geral de Estudos e Informações Agropecuárias

2. Ceará – Fruticultura Irrigada

A produção de frutas no Ceará, majoritariamente culturas irrigadas, apresenta menor vulnerabilidade à irregularidade das chuvas, como a que se apresenta no ano em curso. Segundo relatório do Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (Ipece), referente ao primeiro trimestre de 2012, espera-se um crescimento médio de 3% para a produção no ano, com destaque para a estimativa de crescimento na produção de melão (41,9%) e de melancia (31,9%). Vale destacar que, nos três primeiros meses de 2012, as exportações de frutas frescas cresceram 34,3% no Estado, ante igual período de 2011 (US\$ 26,97 milhões contra US\$ 20,09 milhões).

Há um contraste entre os prejuízos causados a pequenos agricultores no ano em curso, pela carência de chuvas, e a boa produção agrícola baseada na fruticultura irrigada. De acordo com o Instituto Frutal, o fato se deve a união de diversos fatores, entre os quais se destacam as melhores condições de infraestrutura do Estado, a utilização de novas tecnologias e a alta do dólar nos últimos meses, em comparação com o primeiro semestre do último ano. Segundo o Instituto, a atração de investimentos para a zona rural cearense tem impulsionado a fruticultura.

O modelo de gestão dos recursos hídricos permite ao Ceará ter atualmente, mesmo em período de estiagem, quase 70% de acúmulo de água nos reservatórios. Mesmo assim, considerável segmento da população não está convenientemente abastecida d'água, para consumo próprio e para atividades produtivas. Para a Companhia de Gestão dos Recursos Hídricos do Ceará (Cogerh), uma das respostas está relacionada à distribuição espacial das comunidades, de forma extremamente difusa, dificultando o acesso à água a todas as localidades, devido à necessidade elevada de recursos financeiros .

Como componentes importantes em relação ao futuro do modelo hídrico do Ceará, a Cogerh cita o Cinturão das Águas e a transposição de bacias do Rio São Francisco. O projeto do Cinturão trata-se de um grande sistema gravitário de canais que, originando-se praticamente na entrada no Ceará do chamado Eixo Norte do Projeto de Transposição de Águas do Rio São Francisco para o Nordeste Setentrional, destina-se a assegurar oferta de água ao consumo humano. Além disso, ressalta o dirigente da Cogerh, o Cinturão das Águas permitirá a adução das águas transpostas do São Francisco para a maioria do território cearense, inclusive às regiões mais secas do Estado.



MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO
Secretaria de Política Agrícola
Departamento de Economia Agrícola
Coordenação-Geral de Estudos e Informações Agropecuárias

3. Desempenho das Linhas Emergenciais do FNE SECA e PRONAF SEMI-ÁRIDO SECA

O Banco do Nordeste do Brasil – BNB divulgou as tabelas 01 e 02 abaixo com os dados sobre a contratação das Linhas Emergenciais do FNE SECA e PRONAF SEMI-ÁRIDO SECA, posição de 27.07.2012.

Tabela 01: Contratações por Programa (Em R\$ 1,00)

Programa	Contratações		Propostas em Carteira	Demanda Estimada Total (A) + (B)
	Qtde. Operações	Valor Total Aplicado (A)	Valor Total Proposta (B)	
FNE SECA	2.660	136.672.836	35.996.748	172.669.584
PRONAF SEMI-ÁRIDO SECA	39.775	199.696.436	60.384.056	260.080.492
Total	42.435	336.369.272	96.380.804	432.750.076

Fonte: Ambiente de Políticas de Financiamento/BNB.

Em comparação à posição de 20.07.2012, houve acréscimo de 9.781 na quantidade de operações, de R\$ 60.101.445 no valor total aplicado, de R\$ 12.034.043 no valor total das propostas em carteira e de R\$ 72.135.488 no valor da demanda estimada total.

Tabela 02: Contratações por Setor (Em R\$ 1,00)

Setor	Contratações	
	Qtde. Operações	Valor Total Aplicado
Agricultura/Pecuária	725	20.507.620
Agricultura Familiar	39.775	199.696.436
Comércio e Serviços	1.675	98.462.414
Indústria	260	17.702.802
Total	42.435	336.369.272

Fonte: Ambiente de Políticas de Financiamento/BNB.



MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO
Secretaria de Política Agrícola
Departamento de Economia Agrícola
Coordenação-Geral de Estudos e Informações Agropecuárias

4. Remoção de Milho em Grãos para a Região Nordeste pela CONAB

Pela tabela abaixo, percebe-se pela última posição (30/07/2012) que houve um acréscimo de apenas 1.105 toneladas na quantidade de milho embarcada para a Região Nordeste em relação à semana anterior (24/07/2012). Este volume pode ser considerado muito aquém do estimado e demonstra dificuldade para o transporte do produto para o abastecimento local. Há cerca de um mês o embarque do produto, que já era difícil, se agravou ainda mais. Com o início da colheita do milho nos estados de Paraná, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás, as transportadoras têm preferido o frete mais curto para os estados daquela Região, em vez do Nordeste. O transporte de mais carga em menor tempo aumenta a lucratividade das empresas. Além disso, a greve dos caminhoneiros na última semana agravou ainda mais a situação. Esta demora no embarque de milho tem provocado reclamações por parte dos estados beneficiários.

Companhia Nacional de Abastecimento – CONAB

Programa de Vendas em Balcão

Demonstrativo de Remoção de Milho em Grãos para o Nordeste - Em Kg

Posição	16/07/2012	24/07/2012	30/07/2012
Demanda anterior Port. 470:	129.500.000	129.500.000	129.500.000
Demanda Port. 470:	144.890.800	154.377.200	154.377.200
Contratado:	112.250.000	142.926.910	142.926.910
Embarcado:	44.992.000	48.026.718	49.132.698
Saldo a Embarcar:	67.258.000	94.900.192	93.794.212
Saldo a Contratar:	161.640.800	138.950.290	138.950.290

Fonte: Companhia Nacional de Abastecimento - CONAB